

Exilados: seres condenados à alteridade perpétua

Prof. Ms. José Kalunsiewo Nkosi

PG- UERJ

Resumo:

O exilado sofre de alteridade perpétua por ser sempre considerado como “outro” em qualquer lugar do mundo. Ele vive uma mestiçagem cultural resultante da bagagem cultural de suas raízes com as práticas sócio-culturais da terra de asilo. O exílio, diferentemente da simples emigração, nunca foi algo suave ou desejado porque sempre teve o caráter de exclusão, eliminação e castigo. Isso cria, no exilado, um traumatismo, um sentimento de perda que o migrante comum não sente necessariamente na mesma proporção. O afastamento do exilado de sua terra cria o anonimato e, conseqüentemente, uma crise de identidade, que gera uma sensação de perda – que, na psicanálise, aparece como a morte da mãe, tal qual o luto. Mesmo quando o fim do exílio torna-se uma realidade, o “ex-exilado” continua tendo choques culturais em sua própria terra, ou seja, ele continua sendo o “outro”.

Palavras-chave: exílio, identidade nacional, alteridade, Angola, mestiçagem cultural.

Exiles: condemned people to perpetual alterity

Abstract

The exile suffers from perpetual alterity because he's always considered “another” anywhere in the world. He lives a cultural interbreeding resulting from his roots' cultural baggage with the social-cultural practices of the asylum land. The exile – differently to simple emigration – never was a light or desired thing because of its exclusion, elimination and punishment character. This one results in a traumatism, a loss feeling to the exile that the common migrant doesn't necessarily feel in the same proportion. The removal from his homeland causes the anonymity and consequently an identity crisis that creates a loss sensation - that appears in psychoanalysis as the mother's death just like the mourning. Even when the end of the exile becomes a reality, the “former-exile” continues suffering some culture shocks in his homeland, in other words, he still is “another”, he continues to be the “other”.

Keywords: exile, national identity, alterity, Angola, cultural interbreeding.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é um exercício, uma reflexão sobre a (re)construção da identidade nacional dos angolanos da diáspora no Brasil. Essa tarefa não nos parece muito fácil porque o analista (autor, pesquisador) se identifica muito com o seu analisante (analisado, objeto (?) ou sujeito de estudo). Isso, todavia não me parece tornar nulas as minhas reflexões acerca desse assunto. Reconheço que não é muito fácil ser ao mesmo tempo *sujet observant et sujet observé*. Por isso, toda a humildade é pouca. Não quero considerar este trabalho como a descrição da verdade. Reafirmo que isto é apenas uma reflexão sobre o que está diante de meus olhos e ao meu redor.

Essa paridade ou duplicidade existente entre o sujeito que observa – ***sujet observant*** – e o observado - ***sujet observé*** – permite ao estudioso, quando necessário, exercer influência na sociedade. Confesso que sou adepto das ciências sociais que adotam uma postura prática e participante. Sou defensor das ciências sociais e humanas que não apenas analisam, mas sim que busquem soluções.

Destaco, neste artigo, a análise da questão do outro. Os termos *emigrado*, *exilado* e *deslocado* não são facilmente definidos. Principalmente os dois últimos se confundem facilmente e, quando não se confundem, muitas vezes é difícil estabelecer uma fronteira clara entre eles. Todavia, procuro limitar-me a falar sobre os dois primeiros. Por razões conceituais, faço uma oposição entre os dois termos. Por emigrado chamo a pessoa que voluntariamente, sem pressões políticas ou sócio-culturais, deixa a sua terra de origem para morar em um outro país. Mesmo quando ocorre risco de vida por razões econômicas (crise financeira, fome, seca etc.), atribuo-lhe a categoria de emigrado. Em contrapartida, atribuo às pessoas que correm algum risco de vida por questões não necessariamente econômicas (divergências políticas, guerras, sistemas autoritários etc.) a categoria de exilado. Nessa categoria, incluí os exilados políticos, os refugiados de guerras e de conflitos étnicos, os fugitivos de sistemas autoritários etc.

O exilado é alguém que, *a priori*, nega e resiste à intolerância, à dominação e à negação da sua pessoa ou de seu grupo. Comparando com a dialética marxista, diria que o exílio é a negação da negação. Em toda a história da humanidade, o exílio, diferentemente da simples emigração como a defini acima, nunca foi algo suave ou desejado. Ao contrário, ele sempre teve o caráter de “exclusão, eliminação e castigo” (Cruz, 1999, p. 25). Isso cria nele um traumatismo, um sentimento de perda que o migrante comum – a quem atribuí, simplesmente, a denominação de emigrado – não sente necessariamente na mesma proporção. Mesmo se ele sentisse o mesmo, teria mais facilidade de resolvê-lo do que o exilado.

A QUESTÃO DO OUTRO

O “outro” é aquela pessoa que é diferente de mim. Por isso não o conheço muito bem. Eu posso vê-lo, mas não o compreendo. Por ele continua desconhecido por mim, o “outro” se torna uma ameaça. Se o “outro” é desconhecido de mim, tudo que eu desconheço também é “outro” para mim. Por isso Lacan vai dizer que o outro [desconhecido] absoluto é a morte e ela é uma ameaça para mim. Não é em vão que a humanidade investe grandes somas de dinheiro para lutar contra a morte.

O “outro” nunca é conhecido por completo, se é que se pode chegar ao conhecimento completo de si mesmo. Toumson (1998, p. 3) afirma que “*on ne parvient jamais à connaître les autres ; que connaître l’autre et soi est une seule et même chose*”. O exotismo, escreveu Roland Barthes, “*est une tautologie au sens où « la tautologie est salutaire »*”.ⁱ O “outro” é sempre exótico. Essa atitude – a de considerá-lo exótico – o distancia de mim e o condena a continuar ser diferente. O “outro” não é considerado um ser que tenha os mesmos direitos que eu tenho. Por isso, *l’autre devient pur objet, spectacle, guignol : relégué aux confins de l’humanité, il n’attend plus à la sécurité du chez-soi.*ⁱⁱ

Esse exotismo não é outra coisa senão a incapacidade de compreender esse “outro” que é diferente de mim. E o reflexo de um sentimento de impotência, uma incapacidade hermenêutica de uma pessoa que é ser humano como eu, mas também diferente de mim. Essa angústia leva a uma redução perigosa quando considero o “outro” como uma “redução do eu”. Essa redução perigosa leva as pessoas a considerarem o mundo do “outro” de acordo com os meus valores (Toumson, 1998, p. 263).

Esse erro de interpretação do mundo do “outro” é encontrado de maneira abundante na literatura que relata sobre os usos e costumes dos outros povos a tal ponto que o “outro” chega a ser considerado, em alguns casos, como objeto de diversão.

O vilão sempre é o “outro”, ou melhor, o “outro” sempre é o vilão. Encontra essa postura também no discurso da possuída que se diz falada pelo outro. “Uma outra pessoa ou entidade fala em mim” declara a possuída aos seus juízes. Ela precisa reconhecer publicamente a intervenção do outro – o demônio – em sua vida, na presença de seus acusadores e juízes que são exorcistas, médicos etc. (Certeau, 1975, p.251).

Ainda em nossos dias, o mesmo acontece com o “outro” em nosso meio que é o estrangeiro, o imigrado ou especialmente o exilado. Este, para sobreviver, é muitas vezes obrigado a formular o seu discurso de acordo com o discurso oficial da sociedade na qual ele se encontra.

PERPÉTUA ALTERIDADE DO EXILADO

Não pretendo desenvolver, aqui, uma longa discussão sobre as diferenças técnicas entre os termos “imigrado” e “exilado” que às vezes são confundidos. Quero, no entanto, lembrar que as discussões sobre esses termos não datam de muito tempo. Especificamente, depois da II Guerra Mundial, depois de ser criado o órgão das Nações Unidas para os refugiados e também depois da Convenção de Genebra. Posso, contudo, considerar essa data, embora a preocupação na época fosse com os refugiados da Europa do Leste. Ninguém ainda pensava no grande êxodo - dos países subdesenvolvidos para os países desenvolvidos - de asiáticos e africanos que

ocorreria no período pós-colonial. Só depois, em 1961, é que se começa a corrigir o eurocentrismo que estava no texto da Convenção de Genebra acerca dos refugiados – ou exilados.

Como já fiz referência acima, os termos “emigrado” – ou imigrante – e “exilado” podem ser facilmente confundidos porque não é fácil estabelecer uma fronteira clara entre eles. Todavia, procuro limitar-me a falar sobre os dois primeiros. Por razões conceituais, faço uma oposição entre ambos os termos. Por emigrado chamo a pessoa que voluntariamente, sem pressões políticas ou sócio-culturais deixa a sua terra de origem para morar em um outro país. Mesmo quando ele corre risco de vida por razões econômicas (crise financeira, fome, seca etc.), atribuí-lhe a categoria de emigrado, ou simplesmente imigrante. A categoria de exilado, em contrapartida, atribuí às pessoas que correm algum risco de vida por questões não necessariamente econômicas (divergências políticas, guerras, sistemas autoritários etc.). Nessa categoria incluí os exilados políticos, os refugiados de guerras e de conflitos étnicos, os fugitivos de sistemas autoritários etc.

O exilado é alguém que, *a priori*, nega e resiste à intolerância, à dominação e à negação da sua pessoa ou de seu grupo. Em toda a história da humanidade, o exílio, diferentemente da simples emigração como a defini acima, nunca foi algo suave ou desejado. Ao contrário, ele sempre teve o caráter de exclusão, eliminação e castigo.ⁱⁱⁱ Isso cria nele um traumatismo, um sentimento de perda que o migrante comum – denominado, neste trabalho, simplesmente emigrado – não sente necessariamente na mesma proporção. Ainda que ele sentisse o mesmo, teria mais facilidade de resolvê-lo do que o exilado. Por isso considero que o exilado é condenado a ser sempre o “outro”. Ele não tem a liberdade de voltar quando queira à sua terra de origem. O exilado, por ser expatriado, desterrado, banido ou degredado continua levando em si a condição de “outro” em qualquer lugar do mundo. É uma pessoa condenada à alteridade.

Através da psicanálise, pode-se encontrar na historiografia moderna, algumas referências universais acerca dos exilados. Como diz Jean-Michel Palmier, em estudo feito sobre exilados intelectuais alemães antinazistas, “as experiências conhecidas pelos emigrados de 1933 nem sempre são excepcionais: elas constituem “o destino de todos os exilados”.^{iv} O exílio é também a “negação da negação”, pois ele resulta da exclusão, dominação e intolerância. É o meio pelo qual, muitas das vezes, as pessoas ofendidas enfrentam essas injustiças. O universo do exilado se constrói, portanto, sobre os seguintes pilares: *afastamento/ exclusão/ eliminação e castigo*.^v

O afastamento do exilado de sua terra cria o anonimato e, conseqüentemente, uma crise de identidade. Isso gera uma sensação de perda – que na psicanálise aparece como a morte da mãe tal qual o luto. Esse luto de seus valores e da sua cosmovisão destrói, no exílio, os frágeis equilíbrios e harmonias que se tinha antes. Vive-se, então, uma “dialética entre pessoa e personagem”.

Outro drama que vivem os exilados é a desorientação, o vazio, o medo e a loucura que os acompanha no exterior. É uma paranóia. Existem casos de exilados que ficam com medo de tramas da polícia política até no exílio. Não são poucos os casos de loucura e suicídio no exílio. Muitas são as pessoas que precisam de tratamento psiquiátrico por causa das seqüelas dos dramas do exílio.

Mesmo quando o fim do exílio, isto é, o retorno à terra natal torna-se uma possibilidade – como aconteceu com os exilados brasileiros depois da ditadura militar ou com os angolanos com o fim da guerra civil – o problema da alteridade não se resolve automaticamente ao regressar à terra natal. “A parte mais difícil de toda a história do exílio é entender a volta. Para mim, é o começo do exílio...” – disse Flávia Castro (Cruz, 1999, p. 263). Por outro lado, “um exílio sem retorno é sentido como uma dupla derrota” (Cruz, 1999, p. 266). É por causa disso, aliás, que muitos não queiram reconhecer o desejo de permanecer no exterior. A volta era tida como algo sagrado. Algo ao qual não

se devia resistir. Afinal de contas, voltar não deixa de ser um novo desenraizamento em relação ao que foi construído no exterior.

A volta, muitas vezes, é uma violência também. Albert Camus já advertia que “é uma loucura querer voltar ao lugar de onde se partiu ...” (Cruz, 1999, p. 266). Muitos não encontraram mais os parentes com quem sonhavam festejar o retorno à terra natal. Alguns exilados só decidem voltar para a terra natal depois de muitas viagens de férias. Para outros : “a terra natal tão sonhada outrora já não é mais nada”. Uns voltam, mas não se adaptando, retornam às terras onde, antes, eram exilados.

MESTIÇAGEM CULTURAL DO EXILADO

Ao emigrar-se ou exilar-se, a pessoa leva dentro de si todos aqueles valores que tinha enquanto vivia na sua terra de origem. Isso consiste em toda a bagagem do seu imaginário social. Por questão de sobrevivência, ele começa quase inconscientemente a adquirir também a cultura dominante^{vi} no meio em que vive. Isso ocorre obrigatoriamente com todas as pessoas que fixam residência em uma outra comunidade. Assimilando ou não a cultura do local. É uma questão de sobrevivência. No caso do exilado que é “proibido” a regressar em sua terra, isso gera uma crise de identidade porque descobre que ele não é do lugar onde está, isto é, daquela cultura; muito menos tem o direito de voltar à sua origem. Ele começa a sofrer da despersonalização e do anonimato. Mas o que nos interessa mais no que diz respeito à cultura é a Terceira Cultura.

A Terceira Cultura é a cultura mestiça que nasce da mistura da cultura original com a cultura da terra estrangeira onde se está vivendo, no nosso caso, o exilado. Por mais que a pessoa seja receptiva à nova cultura, ela não será igual aos naturais. Muito menos será a mesma pessoa, se por acaso, voltar à terra de origem. As influências culturais e o surgimento da Terceira Cultura é algo que escapa à escolha dos indivíduos. Se todo mundo é, até um certo grau, um mestiço cultural, o exilado o é muito mais.

Essa cultura do estrangeiro não pode ser considerada simplesmente como a perda da sua cultura de origem. Não pode também ser considerada apenas como aquisição de uma nova cultura que substitui a anterior. O que ocorre realmente, como falei acima, é uma re(criação) ou re(construção) cultural, que é produto de todas as culturas que o exilado possuía até então. O exilado passa por uma crise de identidade que é presente a todo mestiço porque *“se dire métis, c’est vouloir être un Autre du Même sans cesser d’être un Même de l’Autre, c’est vouloir fondre l’Autre en soi sans cesser d’être soi”*. (Toumson, 1998, p. 260).

Os choques culturais são os elementos que, sem dúvida, muito marcam as pessoas na sua experiência no exílio. O choque cultural, o mal-estar, tanto em relação a si mesmo como em relação ao outro, no exílio, é constantemente renovado. Mesmo quando existe uma política de assistência social para os exilados, ao lado dessa assistência social que o exilado recebe existe uma certa infantilização, que é inerente a essa assistência. Enfim, a crise de identidade do exilado envolve questões psicológicas que afetam cada pessoa de forma particular. Darcy Ribeiro desabafou dizendo: “Pra sofrer o degredo é preciso ter muito caráter, coisa que não tenho. Sofri à minha maneira, sem exageros.” (Cruz, 1999, p. 133).

O fato de estar distante do seu universo de referências fazia com que o exílio parecesse um vazio, confundindo-se o fato de estar fora do lugar com o estar fora do tempo. A busca do lugar perdido não pode ser abandonada. É ela que dá sentido à vida no exilado.

Perder a língua materna é perder a linguagem expressiva e, portanto, é perder a emoção. Para Herbert Daniel “o perder sua língua é perder a alma”. Por isso, muitas vezes, usa-se o termo “desenraizado” quando se faz referência ao exilado. (Cruz, 1999, p. 26).

Essa preocupação com a preservação – mais precisamente reconstrução – cultural

podia ser observada no surgimento, em Paris, entre os exilados brasileiros, do Clubinho do Saci. Esse clubinho propunha-se a conjugar a adaptação das crianças brasileiras, no exterior, com a preservação de referências do país de origem. O interessante é que o Saci reunia crianças que eram filhos de exilados – na sua grande maioria – como também os filhos de estudantes. A idéia – diz Glória Ferreira – era que o Saci fosse, para aquelas crianças, “um ponto de referência de língua, de cultura”. (Cruz, 1999, p. 220-221).

Nesse “caos de valores contraditórios”, a solidão domina o exilado. É por isso mesmo que se torna – ou pelo menos se sente – um apátrida. O tempo e o lugar presentes são, para ele, um hiato entre o passado e o futuro. Sendo o presente e o futuro incertos, o exilado apega geralmente ao passado. Segundo o Marcelo Viñar, falando em “psicopatologia do exílio”, os casos mais graves de crises neuróticas ocorrem quando “o conflito e o luto não podem se conter na esfera do mental e extravasam no corpo (agravamento ou aparição de doenças), ou ainda derivam em direção à sociopatia ...”. (Cruz, 1999, *passim*).

Para outros, as crises surgiram por causa da redefinição ou reconstrução da identidade, no exílio, que se tornou inviável. Tomás Tarqüino comparou isso com “um espelho quebrado por uma pedra, onde é difícil se ver na imagem distorcida ...” (Cruz, 1999, p. 151). O autor Reinaldo Guarany vai reconhecer o mesmo efeito “fragmentação do espelho” no conto *Ana Luísa*. Ele afirma isso pela seguinte frase: “*Ana Luísa* – diz o autor – é um reflexo da fragmentação da cabeça da gente na Suécia.” (*Idem*). Alguns exilados conseguiram superar essas crises no exílio, mas outros nunca puderam superá-las. Muitos deles só conseguem pôr fim ao medo, ao vazio, à loucura – provocada pela falta de identidade para uns e para outros deformação da imagem que têm da sua identidade cultural – por meio da morte.

CONCLUSÃO

O outro, o desconhecido, o diferente, continua sendo uma ameaça. Por isso, acontecem muitos esforços para desvendar os segredos do mundo desconhecido, seja ele: os outros planetas, os outros seres supostamente existentes – os extraterrestres – ou a pessoa diferente, estranha, não compreendida, que vive em nosso meio. Por não entendermos o “outro”, muitas vezes, consciente ou inconscientemente, o colocamos em situações injustas. A História universal está repleta de exemplos negativos que mostram como a humanidade não soube e ainda não aprendeu a lidar com a alteridade. No caso da responsabilidade de chorar nos cultos funerários, conforme já me referi anteriormente, Marcel Mauss descreve claramente que “não só são indivíduos determinados que choram, que uivam e cantam, mas, na maioria das vezes, pertencem, de direito e de fato, a um único sexo”. (Mauss, 1981, p. 329). Algumas pessoas do sexo feminino, que formam o “outro”, em uma sociedade fortemente dominada pelos homens, tinham essa responsabilidade por nada honrosa de acordo com os padrões daquela cultura.

Assim como Ulisses que - segundo a mitologia grega – foi impedido de voltar à sua terra, todos os que são obrigados a sair de suas terras para uma outra são de certa forma também punidos, ou melhor, condenados ao exílio. As mudanças de um país para outro geralmente não ficam sob o controle dos exilados os quais têm de adaptar-se a culturas bem diferentes, relativamente à sua(s) cultura(s) de origem. Pela posição intermediária que ocupa, a cultura do exilado – leia-se emigrado, estrangeiro etc. – talvez seja a mais preparada para entender um pouco mais as outras culturas, o “outro”, a alteridade.

I. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, C. Bandido Negro. In: _____. *Os Escravos*. Distribuição exclusiva: Galex, (s.d.), p.48-51.
- CERTEAU, M. *L'écriture de l'histoire*. Paris: Gallimard, 1975.
- CERTEAU, M. *Histoire et psicanalise entre science et fiction*. Paris: Gallimard, 1987.
- CRUZ, D. R. *Exílio: entre raízes e radadares*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- GELLNER, E. *Antropologia e Política: Revoluções no Bosque Sagrado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.
- MAUSS, M. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Perspectivas, 1981.
- RIBEIRO, D. *O Povo brasileiro: a formação e o sentido no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- TOUMSON, R. *Mythologie du métissage*. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.

ⁱ Roland Barthes, *Mythologies*, p.240, 241.

ⁱⁱ Roland Barthes, *Mythologies*, p.240, 241.

ⁱⁱⁱ Denise Rollemberg Cruz (1999, p. 25).

^{iv} Jean-Michel Palmier, *apud* Denise Rollemberg Cruz (1999, p. 24). Grifo meu.

^v *Idem. ibid.* Grifos no original.

^{vi} Tendo em vista que podem existir diversas culturas em uma mesma sociedade. Procurei não discutir, neste trabalho, a questão das culturas dominantes. Considero aqui a cultura local como sendo a dominante por ser a hegemônica entre todas as outras possíveis que possam lá existir.